



## **DISCURSO, CORPO E MÍDIA – QUE CORPO É ESSE MONA LISA??!!)**

José Gevildo Viana

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN [gevildo\\_viana27@yahoo.com.br](mailto:gevildo_viana27@yahoo.com.br)

**RESUMO:** A mídia, como dispositivo de saber-poder, tem grande influência no disciplinamento e controle dos corpos, subjetivando sujeitos e relacionando-os aos efeitos de sua historicidade discursivamente produzida. Assim, considerando o discurso como acontecimento que produz efeitos de sentidos na fabricação de corpos, objetivamos com esse artigo, descrever/interpretar, a partir de um enunciado produzido no espaço midiático, os modos de subjetivação do corpo - gênero feminino (arte – Mona Lisa) construído na mobilização de uma rede de saber - poder que emergem em determinadas épocas, evidenciando o corpo como de natureza discursiva. Para tanto, faremos uso da Análise do Discurso (AD) de origem francesa e sua articulação com os domínios foucaultianos, mas precisamente no que se refere ao método arqueogenalógico. O *corpus* em análise, no interior do exercício de saber-poder da mídia, se constitui como enunciado, materializado na internet com grande alcance aos sujeitos da contemporaneidade. Assim, operacionalizamos a análise a partir de algumas categorias da AD, a saber, noção de Discurso, Enunciado, Corpo e Memória Discursiva. Deste modo, observamos, portanto, que o corpo, gênero feminino como enunciado (arte – Mona Lisa) em análise, sofre os efeitos da historicidade que o constitui, uma vez que é alvo das relações de saber-poder. Com isso, o corpo gênero, aqui analisado, trata-se de um corpo sempre em transformação, ou seja, em uma fabricação sócio - histórica que nos possibilita, pelo efeito da memória discursiva, capturá-lo em diversos processos de modos de subjetivação. O que sugere a indagação: Que corpo é esse Mona Lisa??!!.

Palavras - chave: Discurso, Corpo feminino, Saber - Poder e Mídia".

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS:** A mídia, como dispositivo de saber-poder, hoje mais do que nunca, tem grande influência no disciplinamento e controle dos corpos, subjetivando sujeitos e relacionando-os aos efeitos de sua historicidade discursivamente produzida. Desde modo, considerando o discurso como acontecimento que produz efeitos de sentidos na fabricação de corpos, objetivamos com esse artigo, descrever/interpretar, a partir de uma tag humorística produzida no espaço midiático, os modos de subjetivação do corpo feminino (arte – Mona Lisa) construído na mobilização de uma rede de saber - poder que emergem em

determinadas épocas, evidenciando o corpo como de natureza discursiva.

Para tanto, faremos uso de procedimentos teóricos metodológicos da Análise do Discurso de origem francesa e sua articulação com os domínios foucaultianos, mas precisamente no que se refere ao método arqueogenalógico. Neste sentido, como analista de discurso, compreendemos dentro desse conjunto teórico, ser possível operacionalizar com ferramentas necessárias e próprias desse campo teórico, pois como nos coloca Foucault (2004, p. 71) “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas [...]”. Assim sendo, mobilizamos categorias como:



discurso, enunciado, corpo e memória discursiva, como discussões necessárias para se observar o funcionamento da língua e sua relação com a história na fabricação de modos de subjetivação do corpo a partir do dispositivo midiático.

### **O Discurso e o enunciado em Foucault: uma prática discursiva que irrompe como acontecimento**

Pêcheux (1990, p. 56) em contínuas reformulações teóricas de seu projeto para uma análise do discurso, chega a seguinte definição de discurso:

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço.

Ao fazer essas considerações ao discurso, Pêcheux o revela sob filiações sócio-históricas que atuam no interior da própria estrutura, provocando efeitos e movimentos atravessados pela heterogeneidade que lhe é constitutiva, e que se relaciona consigo mesma e com seu exterior. Nesta ótica, a Formação Discursiva, dar-se como estrutura, configurando-se somente a partir do primado da heterogeneidade, sendo, portanto, invadida por regularidades e dispersão no diálogo constante entre elas mesmas e as outras.

Nessa direção, Pêcheux amplia a noção de acontecimento discursivo, considerando-o a partir de uma lógica que o configura, dada a organização do próprio dizer, ao qual pode ser abordado, tanto sob uma singularidade evidente, presentificada, como também abordada pela teia da memória que o recupera e o reorganiza numa rede de enunciados que circulam ou circularam no fazer sócio histórico. É nessa relação da transparência e da opacidade, do singular e do diverso, do regular e do disperso que se inscreve o discurso como estrutura e acontecimento, aproximando assim o diálogo com a ideia foucaultiana de discurso.

Ao buscarmos em Foucault a noção de discurso é necessário entender o lugar que esse ocupa dentro de seu projeto teórico metodológico, que envolve tanto a fase da arqueologia, como a da genealogia. Entendendo essas fases como complementares, podemos de maneira geral dizer que o discurso para Foucault, torna-se o espaço no qual se configuram relações de saber/poder.

Neste sentido, tomando como mirante *A arqueologia do saber*, o discurso emerge como uma prática que evidencia a construção de saberes, e esses só podem ser estudados mediante essa prática que é o discurso. Há então uma relação intrínseca entre a prática discursiva e o saber, como nos coloca Foucault (2007, p. 205) “não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma”.

Nesta perspectiva, Foucault objetiva descrever essa relação, que possibilita



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

em determinada época histórica o surgimento de determinados saberes. Assim, ele parte do pressuposto de que há uma ordem que permite a instauração de um saber em vez de outro. O que o instiga a buscar descrever esse solo positivo (FOUCAULT, 1999).

É partindo, pois, desse princípio de que há uma regularização dos saberes que Foucault investiga o discurso na tentativa de descrever as regras que o constitui. Deste modo, procura analisar como os discursos produzem os objetos. Há aqui um caminho inverso, ele não parte dos objetos ao discurso, mas os toma como construídos no próprio momento da enunciação, discursivização. O que implicam numa atividade diferente que segundo Foucault (2007, p. 55)

consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutível à língua e ao ato de fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Movido por esse “algo mais” é que Foucault procura descrever o funcionamento discursivo, não concebendo o discurso como e somente “conjunto de signos”, mas tendo-o como uma “prática” que implica ser uma atividade operante sob uma ordem, que como nos diz Silva

(2004, p. 159) “[...] afasta o discurso de uma relação de transparência entre as palavras e as coisas e o coloca na condição de acontecimento, isto é, como emergência histórica determinada pelas práticas discursivas e pelo conjunto de regras que regem essas práticas”.

Ao se reportar as regras que constituem os discursos, o intuito está justamente nesse indagar sobre ele mesmo, ou seja, entender a partir do dizer, como esse dizer se constitui como um saber legitimado dentro de uma possível verdade. O que implica em rever todo um processo que extrapola os limites da estrutura do discurso, operando no terreno da história sob o primado da descontinuidade ao qual se aloja o discurso.

Interrogar sobre as regras do discurso significa tomá-lo dentro de uma descontinuidade, dispersão, que o envolve, exigindo, pois, que o situe em sua singularidade, dado o momento de sua irrupção histórica, de acontecimento, assim afirma Foucault (2007, p. 28)

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância.



Foucault, então, propõe a apreendermos o discurso em sua singularidade, buscando compreender suas reais condições de existência dado todo um conjunto de coisas que o tornam um acontecimento, um evento. Deste modo, analisar o discurso objeto, significa descrever os princípios não de unidades do discurso em sua relação com possíveis outros, mas numa dispersão, sendo necessário, apreendê-lo, dado o momento da sua irrupção histórica que o individualiza para somente assim, descrevê-lo em sua singularidade.

Essas relações devem ser estabelecidas compreendendo-as num conjunto de uma formação do saber, dada o conceito de Formação Discursiva.

Se na fase arqueológica Foucault observa a noção de discurso operando no interior de um saber, já na genealogia, ele vai se interessar em analisar o discurso a partir das condições políticas da emergência exteriores desse saber. O que implica em evidenciar uma história dos discursos vista sob o ângulo da política de possibilidades que o engendra. Significa então analisar a articulação entre saber/poder, imbricadas no e pelo discurso, pois, de acordo com Foucault (2004, p. 142) “o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. [...] Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder” e toda atividade da qual emerge essa relação dar-se sob a primazia do discurso.

Com essa pretensão, retomando agora a noção de discurso de Foucault no

trâmite da fase da genealogia a partir da obra *A ordem do discurso*, percebemos, não digamos uma nova compreensão de discurso, mas um jeito novo de concebê-lo a partir de seu exterior, ou seja, daquilo que o produz: o poder.

Não é a toa que Foucault já começa a abertura do livro expressando: “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2006, p. 10). Há, assim, uma ligação que não se pode esconder entre o discurso com o poder. Ligação essa que deve ser compreendida como necessária para constituição do discurso. O discurso então é resultado de uma ação exercida pelo poder.

Se localizarmos, pois, os discursos como algo legitimado por uma sociedade que é atravessada por relações de poder, configurando-se como um conjunto de saber que tem suas condições de existência dada uma ordem que vem da ação desse próprio poder, isso significa dizer segundo palavras de Foucault (2004, p. 179-180),

que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa



economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência.

A relação que se pressupõe saber/poder é uma relação construída historicamente na dinâmica do social, sendo, portanto, cheia de descontinuidade e lutas por meio das quais se procuram e se materializam *vontades de verdade*. O discurso, então, é efeito do poder na elaboração de um saber sociabilizado. A ação do poder nesse percurso não é uma ação violenta, repressora, mas produtiva e cheia de positividade, pois ao elaborar saber, esse último emerge como agregador do conjunto da mesa social ao qual germina. O saber é então aceito como verdadeiro, porque encontra no seu fazer regras que o permitem emergir numa dada época.

É ele o discurso, a instância que abriga relação de saber/ poder, que ora se convergem, ora se divergem, constituintes de um processo resultante na construção do sentido entre sujeitos historicamente marcados.

Trata-se de uma prática entre sujeitos mediada pela relação entre a linguagem e a história como forma de acontecimento fundador de interpretações e *vontade de verdade*, tecida pela unidade do discurso, o enunciado, em suas possíveis relações, seja no seu interior ou fora dele, pois como descreve Foucault (2007, p. 32) “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”.

É nessa abordagem do enunciado que se diferencia da frase, da proposição,

dos atos de fala que se torna sólida a noção de discurso que nos interessa, a qual nos propõe Foucault (2007, p.114) dizendo que o discurso é “acontecimento, encontro entre uma atualidade e uma memória. A irrupção histórica de um enunciado – seu acontecimento – o insere, necessariamente, em uma rede de outros enunciados, com os quais ele estabelece relações de paráfrase e de deslocamentos”.

Conforme Foucault, conceber o discurso como acontecimento, significa tê-lo na representação de um conjunto de todos os enunciados efetivados, realizando-se de forma única numa ocorrência jamais repetível. O discurso, pois, é a instância que abriga esse conjunto finito e limitado de sequências que emerge em sua irrupção histórica.

Deste modo, ao se materializar numa sequência dada dessa irrupção histórica, o discurso se singulariza como evento. O que não significa descrevê-lo e interpretá-lo a partir somente dessas sequências linguísticas, mas sim, na sua inscrição na e pela história.

O acontecimento discursivo é, por um lado, dado o momento de sua materialização, único, singular e irrepetível, mas por outro, ao cair na teia da memória que também o constitui, o pluraliza no movimento do já dito quanto ao devir. Isso se torna possível pela sua natural inserção na rede de outros enunciados com as quais se relacionam.

### **O corpo como acontecimento discursivo**



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conforme nossa perspectiva teórica, é a partir do conceito de corpo discursivo que nos deixamos guiar, pelas trilhas descontínuas dos sentidos, a observar os atravessamentos da história, em direção a sua inscrição nas discursividades de determinadas épocas.

Portanto, partindo desses deslizamentos que nos conduz a uma historicidade do corpo, aqui o compreendemos, como diz Milanez (2008, p. 129)

não [...] encarado em seu aspecto anatômico, físico ou bioquímico, isto é, não é o corpo de carne e osso que está em evidência, mas a relação que se estabelece entre sua própria materialidade e sua maneira de estar no mundo corporal, fazendo emergir um sujeito que não é absoluto, que não tem uma substância, mas que cuja forma é marcada pela dispersão e pela pluralidade.

O corpo que nos interessa, trata-se do corpo como sendo algo construído discursivamente ao longo do tempo, em suas irrupções históricas, sob efeitos das relações de saber/poder que nele se marca pelas possíveis posições que esse assume no interior das práticas discursivas. Enfim, trata-se do corpo como um acontecimento discursivo, a inscrever modos de subjetivação oriundos das relações de forças que o atravessam historicamente.

É no foco do corpo como mirante de um organismo vivo que inspira vida, que se realizam relações de

saber/poder oriundas de sistemas de sociedade que criam dispositivos de poder a atuarem sobre o corpo quer seja ao concebê-lo como *corpo-máquina* ou *anatomia-política* ao qual advêm do capitalismo operando com dispositivo de um poder puramente disciplinar, ou do *corpo-espécie* com a introdução do liberalismo ampliando a um desdobramento do poder, com a biopolítica no controle dos corpos.

O corpo então é matéria vulnerável às relações de poder produzidas pelas técnicas tanto disciplinares como de governamentalidade (biopolíticas), pois se o poder investe, manipula e disciplina o corpo, conduzindo-o a formas e modos diferentes de ser, essa atividade, por outro lado, pode resultar num projeto de manutenção desse poder, criando assim políticas de investimento sobre o corpo em massa.

O corpo em Foucault é o lugar marcado sempre pelas relações culturais e sociais. Relações essas que sempre se marcam no corpo de maneira não linear, mas sim por lutas, conflitos, contradições, resistências, que sempre estão a constituí-las, a reconstituí-las. O que implica estar o corpo intimamente unido, ligado às relações de poder-saber, uma vez que essas relações são construídas nas práticas discursivas. (cf. FOUCAULT, 1994a)

O corpo, nas leituras foucaultianas, sempre foi alvo das punições, o que revela ser ele objeto das relações de poder, como afirma Foucault (1994, p. 28): “As relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe



sinais”. Toda essa estrutura que preconiza a atuação das relações de poder sobre o corpo se desenvolve justamente por sua inserção no campo político, social. É na sua relação com o exterior, que o sujeito toma forma, toma corpo, vivencia modos de subjetivação.

### **Memória discursiva lugar de interpretação sempre em movimento**

Trata-se ser a memória um conceito central no entremeio da tensão entre estrutura e acontecimento, pois só sob o efeito da memória se estrutura a materialidade discursiva em acontecimento, situando-o nessa dialética da repetição, e da regularização. Partindo dessa ideia é que Pêcheux (2007, p. 52) diz:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória discursiva estabelece então, face ao acontecimento numa perspectiva de sua leitura, interpretação, uma atividade mobilizadora de elementos (pré-construído, discursos citados, relatados, discursos-transversos) necessários a serem recuperados na rede de enunciados outros, emergidos pela e na relação do e com o legível.

Essa mobilização feita pela memória na recuperação desses elementos no arquivo para a leitura do acontecimento discursivo não se realiza de maneira tão simples como se de imediato fôssemos pegar no reservatório da memória coletiva esses elementos, que estariam lá de forma estática, acumulada. Ao contrário dessa ideia que possa se pensar da memória, ela deve ser compreendida como de natureza dinâmica, dialética ao qual viabiliza a leitura do acontecimento sob uma noção de arquivo que gerencia formação e transformação dos enunciados. A memória, portanto, se configura como, ainda segundo Pêcheux (2007, p. 56) “necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”

Retomando, pois, a memória como esse espaço de complexidade, sendo, portanto, estruturante da materialidade discursiva dentro de uma dialética que envolve a repetição e a regularidade é aqui que incide, conforme Pêcheux (2007, p. 52) a questão: “em qual lugar se encontraria os ‘implícitos’ que estão ‘ausentes em sua presença’ na leitura das sequências?”.

Uma observação importante é a de que esse processo de regulamentação não consiste num processo de caráter estável, mas estará sempre sujeita a modificações, implicadas pelos possíveis cruzamentos de novos acontecimentos.

Assim dada toda essa mobilidade que movimenta de forma dialética a repetição e a regulamentação, estas



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estão imbricadas nesse processo, pois se por um lado, se percebe um jogo de forças que procura manter de certa forma uma regulamentação previamente existente, os acontecimentos discursivos a deriva, são também apreendidos pela estrutura, que sofre modificações, não permanecendo mais idênticas a si mesmas, justamente pelo deslocamento a que sofreram os acontecimentos que os motivaram.

É mediante essa relação que podemos pensar os acontecimentos discursivos como nunca conclusos, sempre em falta, incompletos, procurando abrigo num sistema que também sofre esses efeitos da incompletude, da opacidade operante no trabalho com a linguagem enquanto discurso, pois é somente sobre essa natureza do discurso que encontramos o entrecruzamento da memória que opera no dito, pelo já-dito e por devir dizer.

No íterim dessa discussão, é pertinente então conceber o discurso não só como estrutura, mas, e principalmente, como acontecimento.

### **Mona Lisa: Que corpo é esse ???!**

O campo midiático pressupõe todo um movimento discursivo interpretativo da contemporaneidade, emergindo como uma *história do presente* que, ao se instaurar em uma sociedade, se produz como acontecimento numa relação de forças que mobiliza memória e esquecimentos sob a ordem do discurso, formatando modos de ser do corpo sujeito. Neste sentido, operamos analiticamente na captura de possíveis fios que entrecruzam e compõem uma historicidade do corpo

como alvo de relações de saber – poder, a partir de enunciados, extraídos das redes sociais, como mote para discussão dos processos de subjetivação do corpo gênero feminino. Corpo esse, ancorado em produções de sentidos a deriva de uma descontinuidade histórica, mas que encontra em sua materialidade uma singularidade. Vejamos então o *corpus* de nosso trabalho, extraído do site: <http://demonhosmaniacos.blogspot.com.br/>



O enunciado em sua função enunciativa joga com as possibilidades de modos de subjetivação do corpo, aqui artisticamente representado pelo famoso quadro de Mona Lisa, uma das mais populares pinturas do artista renascentista Leonardo da Vinci. Tal materialidade em sua singularidade provoca o humor, e dentro de uma perspectiva de análise do discurso, revela a dispersão do corpo sujeito produzido pela descontinuidade da história, marcada num recorte temporal (1500, 1900, 2000, 2010, 2011, 2012 e 2013).

Esse recorte temporal evidenciado no enunciado, deixa escorregar efeitos de



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sentidos, estratégia midiática, de uma certa velocidade com a qual o corpo sofre o efeito desse tempo, buscando sempre atualizar-se. Observamos que sequencialmente somam-se séculos, depois décadas e por fim ano.

Há um disciplinamento do corpo pelo recorte temporal. Cada tempo, materializado nos enunciados, apresenta-se como práticas discursivas diferenciadas que agendam no corpo políticas de sua inserção no mundo socialmente produzido. E é no fazer das práticas discursivas que a mídia atua no processo dinâmico de subjetivação, a qual modela e refrata sujeitos dentro de um tempo histórico. Isso implica numa atividade interlocutiva constante entre atores sociais realizando a partir dessa prática discursiva exterior, a produção de modos de subjetivação, corroborando assim para a dispersão do ser sujeito e de suas relações constantes com o corpo.

O corpo é, portanto, o lugar para o qual convergem as relações de saber-poder produzindo-o dentro de um espaço e tempo histórico, tornando o assim um lugar vazio de multiplicidades possíveis.

Deste modo, lançaremos nosso olhar analítico, buscando apreender dentro do dispositivo midiático, a dispersão do corpo gênero feminino, estrategicamente temporalizado pelo enunciado, derivando assim efeitos de sentidos, que mobilizados pela memória discursiva, cria modos de subjetivação desse corpo no enredo da língua com a história.

O campo midiático, desta forma, opera sobre alguns mecanismos com efeitos na produção e circulação de sentidos,

exercendo assim, no tecer das relações de saber/poder, uma mobilidade necessária entre a língua e uma historicidade que também é constitutiva de sentidos. Essa articulação preconiza a natureza do discurso como uma prática, pois trata-se de uma atividade constante que atravessa a estrutura da língua a uma rede de memória que lhe é preexistente. Como nos mostra Gregolin (2008, p. 13), “de procurar acompanhar trajetos históricos de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia”.

Seguir na trilha desse percurso, a fim de se estabelecer relações discursivas, quanto ao funcionamento da mídia na produção de sentidos, devemos, portanto, ter como ponto de partida os enunciados produzidos, a fim de observarmos a forte relação entre a língua e seu exterior. Ou seja, é preciso situar os enunciados em suas emergências, mediante articulação entre a língua e a história, se fazendo discurso.

Didaticamente, buscamos “recortar” o enunciado considerando a sua sugestão temporal e com isso relacionar as positivities históricas na emergência de cada recorte, e de seus efeitos de sentidos sobre o corpo como acontecimento discursivo, elegendando sempre a memória discursiva como operante nesse processo.

Datada no ano de 1500 – o discurso em Analse, a Mona Lisa “original” se deixa inscrever feixes históricos de um corpo que sofre exercícios de um poder monárquico, construindo uma identidade de gênero feminino como um corpo vestido pela força do matrimônio, da obediência a sociedade



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

patriarcal, do sujeito feminino construído para procriar pois, o uso do vestido fino feito de gaze, encontra na memória discursiva modista, como usado por mulheres grávida, e esse efeito de sentido é reforçado pela presença do delicado véu negro, usado pela aristocratas toscana quando estavam no período pós gestação. Esse corpo como enunciado discursivo, dentro da formação discursiva da sociedade patriarcal, produz sentido do feminino como de inferioridade ao pai, quando saindo do pai ao do marido. O corpo discursivizado num gesto de um sorriso introspectivo, impreciso, coloca em xeque que os sentidos estão à deriva. A posição das mãos, a postura, operam num efeito de sentido de elegância, e sugere um corpo dócil, numa ideia de bela, recatada e do lar.

Já em 1900, o corpo feminino, discursivizado dentro desse período da história, aqui, se veste de uma nova estratégia de poder saber, a sociedade vive uma nova ordem do discurso econômico, de uma sociedade a consolidar o sistema capitalista. O que implicou numa série de mudanças na produção e na organização do corpo feminino em sua relação com o trabalho. Com o advento da indústria, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas. Deste modo, o corpo feminino encontra nessa rede de poder, espaço para uma ideia de valorização do seu corpo, como expressão de si. Há o discurso de ousadia, alimentado pelos ideais feministas, que se materializa nas vestimentas apresentadas na imagem, quando observamos traços marcantes de nudez, e certa sensualidade. Os

braços já se movimentam num gesto de sexualidade.

Nos anos 2000, caracteriza o tempo auge do mundo moderno, na qual, o corpo feminino, sofre os efeitos do poder de consumo e a necessidade de legitimar o espaço de disputa no mercado de trabalho com o gênero masculino. O uso da peça de roupa, blazer e a calça jeans, antes originária do armário masculino, provocam o efeito de sentido de uma ocupação de espaços na luta por igualdade de gêneros. O corpo feminino então sai de um anglo, na imagem do quadro, meio corpo, para aparecer de corpo todo e de forma ereta, nos permitindo construir significados de uma edificação dessa identidade feminina como disposta ao mundo do trabalho sem perder a sensualidade.

Passado uma década, 2010, o corpo feminino, dentro dessa ininterrupta ressignificação, conforme sua materialidade enunciativa imagética nos é permitido fazer um gesto de leitura que opera sobre um poder - saber com influência de uma biopolítica, pois ao colocar a vida como alvo, as políticas de liberação da sexualidade são assumidas pela população feminina, manifestada pelo exhibir de partes do próprio corpo. O que implica, de certa forma, numa afirmativa de um gênero que também tem desejos e que deseja viver sua liberdade sexual. O uso do decote, colocando em evidencias os seios, seria então a materialização desse acontecimento discursivo enredados nas teias do poder. As mãos acenam para uma chave interpretativa de um ser dona do seu corpo.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Seguindo esse percurso do corpo se tornar alvo do próprio corpo poder, observamos que no recorte de 2011, o corpo feminino, permite ser extensão de uma política de controle a partir de intervenções cirúrgicas e produtos de belezas. A mudança de cor do cabelo para o loiro, materializa a rede de saber do campo da beleza e dos produtos capilares, deixando escorregar o efeito de uma identidade de mulher mais sexualizada para o desejo masculino. Somado a isso, temos a permanência do decote, apresentando maior volume dos seios pelo uso do silicone, subjetiva modos de fabricação de um corpo feminino como sempre enredado na história pelos acontecimentos que se engendram numa verdadeira genealogia do presente.

Observamos, portanto, que no ano de 2012, o corpo Mona Lisa, se permite, aglutinar cada vez mais aos efeitos de uma sociedade de controle, principalmente no tocante aos avanços tecnológicos. A presença da câmara digital inaugura modos de subjetivações contemporâneos marcados pelo uso de *Selfies*, configurando assim a princípios de uma sociedade de disciplinamento e controle dos corpos, numa agenda de políticas mais narcisista.

Na ciranda do saber poder que emergem discursivamente nos contextos históricos dos corpos, no ano de 2013, o corpo feminino, conforme imagem em análise é disciplinado sob o gesto do biquinho para *Selfies*, que se ressignifica ao sair de um sorriso enigmático para o de um gesto mais vulgarizado, popularizado sob a ordem de uma cultura

egocêntrica. O corpo volta-se a um ângulo com foco no meio corpo. A marca da *apple* nos permite significar um tempo forte de intervenção tecnológica no construto de um bio corpo que se reinventa na relação língua e história. Deste modo, ao ativar a memória discursiva, provocada pela imagem da maçã, aqui símbolo da *apple*, recuperamos, pelo interdiscurso, o efeito do fruto proibido de Eva (Figura bíblica), que aqui se reatualiza na fabricação de um corpo feminino, não mais temeroso ao divino, mas descobrindo no tecnológico outros caminhos de conhecer a si e a seus novos “pecados”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a emergência de corpos femininos se significando na tessitura dos enunciados aqui analisados, podemos então, concluir que tais enunciados entram na ciranda de uma política de corpos, capaz de vigiá-lo, controlá-lo, governá-lo constantemente como condição sócio histórica engendrada nas e pelas relações de saber-poder, sendo, portanto, determinante na construção de identidades, tendo em vista o conjunto de práticas discursivas existentes.

Deste modo, observamos, que o corpo gênero feminino como enunciado (arte – Mona Lisa) em análise, sofre os efeitos da historicidade que o constitui, uma vez, que é alvo das relações de saber-poder que emergem em determinadas épocas. Com isso, o corpo aqui analisado, trata-se de um corpo sempre em transformação, ou seja, trata-se de uma fabricação sócio - histórica que nos



possibilita, pelo efeito da memória discursiva, capturá-lo em diversos processos de modos de subjetivação.

Assim, desde ao poder monárquico, disciplinar e biopolítico, o corpo gênero feminino, conforme enunciado analisado toma seus contornos e assume políticas de atuação sempre nos contextos de práticas discursivas, sendo essa condição necessária para produção de modos de subjetivação dos corpos. O que sugere a indagação: Que corpo é esse Mona Lisa??!!

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. (1926-1984) **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves-7 edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Paris: Éditions Gallimard, 2006.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. Tradução Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. 11ª. Petrópolis, Vozes, 1994.

GREGOLIN,R. Identidade: objeto ainda não identificado?. In: **Revista Estudos da (Língua)gem. Imagens de Discursos**. FONSECA-SILVA, M. da C.; MILANEZ, N. (Org.) v. 6. n. 1. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008.

MILANEZ,N. Corpo, depilação masculina e memória: acerca do sujeito e seus sentimentos de identidade. In TASSO, I. (Org) **Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), Identidades e memória**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: Achard, P. et al. **Papel da memória** (Nunes, J.H.,Trad. e Intr.). 2ª Edição, Campinas: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **O discurso. Estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Pontes,1990

SILVA, F. P. Articulação entre poder e discurso em Michel Foucault. In SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA (Org), **P. M.Foucault e os domínios da linguagem: Discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.